



Voz da Fátima

Director:

PADRE LUCIANO GUERRA

Ano 65 — N.º 772 — 13 de Janeiro de 1987

Redacção e Administração

SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX

Telex 049 / 52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS

Portugal e Espanha 120500
Estrangeiro (via aérea) 250500



PORTE PAGO

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

TEMA PARA O ANO 70.º

Contemplar como o Francisco Amar como a Jacinta

Não nos ficará mal confessar que este tema nos foi sugerido pela notícia de que a hierarquia da Igreja em Portugal convidara o Santo Padre para voltar a Fátima no ano 70.º das aparições de Nossa Senhora e lhe pediria mesmo que aproveitasse a ocasião para beatificar as duas crianças videntes, já falecidas, Francisco e Jacinta. Verdadeira ou falsa, a notícia «despertou» o coração de quantos procuraram a luz de Deus nesta mensagem de Fátima, cuja riqueza só pouco a pouco se nos vai revelando. Para já, seria um grande prazer espiritual ter de novo o Santo Padre conosco, e não parece que alguém na Igreja lhe pudesse levar a mal o desejo de peregrinar a Fátima no 5.º aniversário da sua primeira peregrinação.

Mais séria é a questão de saber se o Santo Padre terá já por esse tempo a certeza necessária de que, pela heroicidade das suas virtudes, os dois irmãozinhos de Fátima são exemplo claro de abertura generosa à graça do Senhor e podem por isso constituir também uma graça de exemplo para toda a Igreja. A nós diz-nos o coração que sim, mesmo não tendo lido os vários volumes que constituem o processo.

Foi por aqui que começou a descoberta do tema para 1987 no seio do grupo de trabalho que anualmente vem preparando a peregrinação das crianças a Fátima, em 10 de Junho, dia de Portugal e do seu Anjo da Guarda. Como quem diz: se o Santo Padre vier, e beatificar as crianças, o tema está preparado para suporte de um grande ano de jubilo, não só para as crianças mas para todos os peregrinos da Cova da Iria. No caso de o Santo Padre não vir (ou não beatificar os Pastorinhos) o tema que escolhemos continuará a servir de suporte a muitas acções verdadeiramente condizentes com o espírito e a letra da mensagem dada em Fátima quer por Nossa Senhora quer pelo Anjo.

Com efeito os termos CONTEMPLAR e AMAR são equivalentes perfeitos daqueles habitualmente usados para sintetizar não só Fátima mas o próprio Evangelho: oração e penitência. Contemplar, no sentido teológico do termo, vem a ser a fina essência da oração. Não se trata de simplesmente olhar, observar, ou perscrutar; trata-se de

● Continua na página 2

Monsenhor Antunes Borges 50 anos de Sacerdócio

Um quase silêncio triste rodeou as bodas de ouro sacerdotais de Mons. António Antunes Borges, antigo Reitor do Santuário de Fátima, em 19-12-1986. Foi o semanário diocesano de Leiria «A Voz do Domingo» que no-lo veio recordar, a tempo de ainda podermos celebrar esta data na oração e na intimidade respeitosa, mas já tarde demais para que a «Voz da Fátima» a pudesse lembrar aos seus leitores com a antecedência devida.

A doença grave que há uns anos mergulhou Mons. Borges numa triste situação, embora esteja rodeado de conforto, não nos impede de lembrar, neste número, o meio século de consagração ao Senhor, a Maria Santíssima, à Igreja, à Diocese de Leiria, ao Santuário de Fátima.

Nasceu em 1910 e ingressou no Seminário de Leiria em 1924. Desde 1930, frequentou a Universidade Gregoriana onde se licenciou em Filosofia e Teologia. Ordenou-se sacerdote em 19 de Dezembro de 1936, na cidade de Roma. Foi vice-reitor do Colégio Português durante alguns anos. Vindo para Portugal, foi professor de Filosofia e Teologia no Seminário Diocesano de Leiria, director do Externato D. Dinis e professor do Liceu da mesma cidade. Foi nomeado cônego da Catedral e recebeu em Roma,

para onde voltou, o título de Monsenhor.

Em Roma, desempenhou, em dois períodos, o cargo de reitor do Instituto de Santo António dos Portugueses.

Entre 13 de Agosto de 1959 e o fim de Dezembro de 1970, foi reitor do Santuário de Fátima. O seu zelo, espírito empreendedor e habilidade administrativa foram justamente enaltecidos em homenagem que lhe foi prestada em Setembro de 1969, homenagem que englobou também os 3 reitores anteriores. Um dos actos foi o descerramento de 4 quadros a óleo do pintor João Reis, um dos quais precisamente de Mons. Borges.

Depois da 3.ª estadia em Roma, foi vice-oficial da Cúria de Leiria e vigário-geral da diocese, por três anos.

Nunca deixou de se dedicar à investigação histórica, que certamente ainda viria a dar bons frutos, se a doença não o tivesse prostrado na perda muito acentuada da consciência.

Respeitando os designios de Deus, agradecemos-Lhe a grande graça dos 50 anos de sacerdócio de Mons. Borges e pedimos para ele a Sua assistência divina e a protecção de Nossa Senhora que ele tão bem serviu.

L. C.

A FAMÍLIA DO FRANCISCO E DA JACINTA

As famílias são como as árvores; dão bom ou mau fruto, conforme a sua qualidade. Assim o afirmou Jesus: «Toda a árvore boa dá bons frutos, mas a árvore má dá maus frutos. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos» (Mt 7, 17-18).

A família do Francisco e da Jacinta não fez excepção a esta regra. Foi uma boa árvore da qual brotaram bons frutos.

A 21 de Abril de 1970, enviou a vidente Lúcia, desde Coimbra, estas informações a certo sacerdote que se propunha escrever a vida da Jacinta:

«Para falar sobre o ambiente da família que Deus escolheu, de entre tantas, para dar-nos um anjo terrestre como era a Jacinta, penso que pode frisar a honestidade impecável dessa família... a sua vida laboriosa de trabalho no cumprimento exacto dos seus deveres, ganhando o pão de cada dia para si e para os filhos que Deus lhes quis confiar e recebendo cada um, não como peso ou carga, mas como mais

um dom do Céu com que Deus enriquecia o seu lar, mais uma alma que Deus lhe confiava para conduzi-la pelo caminho do Céu. Lar modelo de paz e alegria, onde todos se entendiam, todos se amavam, todos sabiam sacrificar-se uns pelo bem dos outros. Lar, onde a fé era viva e vivida, sabendo incuti-la na alma e no espírito dos filhos, desde os primeiros alvares. Lar, onde se observavam pontualmente os mandamentos da lei de Deus e da Igreja — ao domingo não se trabalhava, assistia-se com pontualidade ao Santo Sacrifício da Missa, os pais levando consigo os filhos, aos quais ensinavam, desde a mais tenra idade, as verdades da fé, a Doutrina, levando-os a assistir à catequese na freguesia a fim de prepará-los para a Confissão e Sagrada Comunhão, pontuais em baptizá-los, o mais tardar aos oito dias depois do nascimento. Os jejuns e abstinências, que naquele tempo eram rigorosos e muitos, eram escrupulosamente observados na

sua casa por toda a família. Depois da ceia, o pai dava graças entoando a reza com toda a família».

Manuel Pedro Marto (1873-1957) e Olímpia de Jesus (1864-1956), pais do Francisco e da Jacinta, eram cristãos piedosos, com aquela fé simples mas sólida que caracterizava a boa gente da serra.

O senhor Marto tinha fama «de ser o homem mais sério do lugar». Sinceramente humilde, jamais se vangloriou dos filhos, atribuindo todos os privilégios à misericordiosa bondade de Deus. Nunca nas peregrinações procurou lugar de destaque. Sumido na massa anónima, passava despercebido, mesmo quando era procurado por altas figuras da hierarquia eclesiástica ou social.

Nesta escola de sobriedade, piedade austera e sentidamente vivida, neste lar de virtudes patriarcais, de trabalho, honradez e simplicidade, nasceram os dois videntes Francisco e Jacinta.

P.º FERNANDO LEITE

Mais hotéis em Fátima?

Nós não somos pela ânsia desmesurada de crescer. Por sabermos que, se é por doença que se fica anão, também é por doença que se atinge o gigantismo. Tudo tem a sua medida normal, que costuma evidentemente ser elástica, mas não pode nem confinar-se para quem nem estender-se para além de certos limites, sob pena de criar anormalidades.

De há anos para cá verifica-se um surto de crescimento nas instalações hoteleiras de Fátima. E sabemos que o surto não parou, já que alguns pensam em unidades novas e outros projectam alargar as actuais. É verdade que, quando interrogados, os proprietários se mostram cautelosos, apontando geralmente para as épocas e dias em que não enchem os seus hotéis, e que parece são ainda muitos. Aliás não nos custa nada a compreender isso, se se tem em conta que Fátima vive ainda muito num ritmo sazonal e, dentro da estação das peregrinações, o movimento se concentra sobretudo nos fins de semana, sendo ainda poucos os meses de férias com grande intensidade de peregrinos. Actualmente poderá dizer-se que Agosto é um grande mês, Setembro também, e talvez a segunda quinzena de Julho. Mas já não parece que se lhes pareçam as férias do Natal ou mesmo as da Páscoa.

De qualquer modo, se os homens de negócio continuam interessados em mais hotéis, é porque têm esperança de que o

movimento crescerá. E essa esperança é certamente fundada por vários factores, entre os quais citaria o alargamento da C. E. E. e a liberalização nos países de Leste. Já se pensou no desejo poderoso que devem alimentar os nossos irmãos dos países de Leste que conheçam a palavra dita por Nossa Senhora para eles?

Que venham, pois, mais hotéis para Fátima, na medida em que vierem mais peregrinos, já que só o afluxo de peregrinos nos parece justificar a construção de novos hotéis. E daqui decorre naturalmente uma consequência: é que os hotéis se situem convenientemente em relação aos peregrinos e ao Santuário. Esta «conveniente situação» refere-se a vários aspectos como sejam: a proximidade/afastamento do Santuário, o volume das unidades hoteleiras, sobretudo em altura, o estilo da construção, a própria cor, os seus anúncios publicitários, o ambiente interior. De todos estes aspectos os dois primeiros são os fundamentais.

A tendência ainda normal é para colocar os hotéis o mais possível perto do Santuário. Compreende-se, desde que se observe o interesse dos peregrinos. Mas se a proximidade se faz em detrimento da peregrinação — por exemplo provocando maior estrangulamento da movimentação por aumento da densidade de pessoas e veículos — então estamos a inverter os valores, e em lugar de servir os peregrinos, e neles, a Nossa Senhora e a

Deus, estaríamos antes a servir-nos deles para o nosso próprio serviço. O que se diz da proximidade pode dizer-se do volume, em altura. Por ter sido a primeira realidade de Fátima, o Santuário foi bastante a tempo de criar à sua volta um ambiente de recolhimento que lhe é indispensável. É esse ambiente que vem presidindo às novas construções do mesmo Santuário, tanto as de dentro como as de fora do Recinto de Oração. O Centro Pastoral é um exemplo típico da modéstia que se julgou necessária a tudo o que rodeia o lugar sagrado. Como se poderia admitir que se instalassem novas unidades ou se alargassem as antigas de modo a subverter a situação criada, que todos reconhecem estar bem?

Desejamos pois que as autoridades competentes unam os seus esforços no sentido de se procurar um instrumento legal que actualize as linhas em que podem desenvolver-se as novas e antigas unidades hoteleiras, de modo a não cometermos atropelos mortais à dignidade do Santuário e das peregrinações. Há muitos terrenos em Fátima suficientemente vizinhos e distantes da Capelinha das Aparições para que possamos evitar erros catastróficos. Estamos certos de que os empresários são os primeiros a compreender a necessidade de correr alguns riscos para os evitar quanto possível à própria peregrinação.

É urgentíssimo rever o Plano de Urbanização.

Para a história de «Um dia em Peregrinação»

Há cerca de 10 anos, o Santuário iniciou, durante o Verão, um programa especial de actividades. Destinava-se a ajudar os peregrinos que viessem a Fátima a conhecerem melhor a história deste local e a mensagem que Nossa Senhora aqui veio trazer.

O programa incluía, além da Eucaristia e do Terço, duas visitas guiadas, uma ao Santuário e outra aos Valinhos, Loca do Cabeço e casas dos Pastorinhos, em autocarro.

Embora com uma frequência média diária superior a 40 pessoas, chegámos a duvidar se valeria a pena prosseguir com este programa. É verdade que os participantes, sobretudo na visita à montanha de Aljustrel, se mostravam sempre muito agradecidos e contentes. E isso animava-nos.

Este ano, mais uma vez se cumpriu o programa. Como em anos anteriores, foi um jovem seminarista o guia do grupo.

Participaram na visita guiada ao Santuário: de manhã, em média, 65 pessoas; de tarde, na visita a Aljustrel, 45 peregrinos, entre os quais bastantes estrangeiros — um total de milhares de pessoas.

Muito terá contribuído: a divulgação que se fez, de variados modos, incluindo o convite pessoal, à entrada do Santuário e na secção de Informações.

Um inquérito, organizado pelo Santuário, para conhecer um pouco o que os participantes pensam deste programa, foi elucidativo, embora apenas nos tenha chegado

um terço das respostas.

Muitos peregrinos vieram a Fátima apenas por algumas horas — das 9 às 14, das 15 às 19, das 10 às 15... e aproveitaram a parte do programa que puderam. Justificam-se assim que esses não tenham participado em todo o programa. Sabe Deus com que pena! Houve quem aproveitasse todo o tempo da estadia, das 10 às 17,45, para seguir o programa completo.

A pergunta do inquérito «o que mais o ajudou em Fátima?» as respostas são muito variadas, mas todas positivas:

— A cadeira de rodas que emprestaram ao meu filho no posto de socorros.

— O comportamento do guia, o seu respeito pelo Santíssimo Sacramento, a convicção das suas palavras.

— Todos os que servem o Santuário.

— A Confissão e a Comunhão.

— A Liturgia.

— A disponibilidade dos sacerdotes.

— A secção de Informações.

— O ambiente de oração, a fé do povo.

— O silêncio.

— Um bem-estar inexplicável.

— O próprio local em si.

— O amor e a devoção a Nossa Senhora.

— A paz que se respira neste lugar.

— A universalidade da Igreja e da Mensagem de Fátima.

— A capelinha sempre cheia de gente.

Pediam-se sugestões.

Alguns responderam:

— Achei tudo bem organizado.

— Está tudo bem entregue, não se pode exigir muito mais.

— Gostei de tudo. Continuem.

Os estrangeiros também se pronunciaram com um «belíssimo» «ótimo»

Houve também propostas. Pedem:

— Uma celebração penitencial, como se fazia o ano passado.

— Mais sacerdotes a atender de Confissão.

— Que se divulgue mais este programa.

— Que se conservem os «lugares históricos».

— Que se restaurem as casas dos pastorinhos.

— Uma visita guiada aos Valinhos, de manhã.

— Que se evitem as «promessas» de joelhos, durante as celebrações na Capelinha.

Todas estas respostas são um estímulo a continuar com este programa. Os frutos que começamos a ver são, certamente, o sinal de muitos outros, que ficarão ocultos a nossos olhos, mas podem ser decisivos para a transformação radical de muitos corações.

A caminho de Calcutá

Peregrino Espanhol passou por Fátima

Esteve no Santuário de Fátima o espanhol Francisco Montero Calvache, natural de Granada onde reside, que pretende peregrinar por 18 países da Europa e Ásia e chegar à Índia, para em Calcutá abraçar Madre Teresa, oferecendo-lhe o sacrifício de 38 milhões de passos em benefício da paz no mundo.

Tem 50 anos de idade, é viúvo, caminha cerca de 20 quilómetros por dia, levando às costas um pequeno saco com um colchão pneumático e uma tenda de campismo. Alimenta-se do que lhe oferecem. Quando não tem alimentos, procura frutos das árvores junto dos caminhos que percorre. Já comeu medronhos, castanhas, bolotas e outros frutos de árvores.

A mulher morreu de cirrose, provocada pelo álcool; por isso a sua peregrinação é também de cruzada contra o alcoolismo e a droga. Tem dois filhos, um na vida militar e uma filha casada. Vivem em Granada.

Tenciona percorrer várias na-

ções da Europa e do Médio-Oriente, entre as quais o Irão.

Francisco Montero Calvache realizou no ano passado uma peregrinação em cumprimento de uma promessa que a mãe não pôde cumprir antes de falecer, de Granada a Lurdes e Roma, onde foi recebido pelo Papa.

Depois de ter orado à Virgem de Fátima na Capela das Aparições, onde assistiu à missa e comungou, seguiu viagem para Coimbra, por Leiria e Pombal, dirigindo-se depois para o Norte de Portugal, Espanha, França, Suíça e por aí fora até à Grécia e Turquia, atravessando depois grande parte do continente asiático até ao seu destino.

A alguém que o entrevistou na passagem por Marvão, quando entrou em Portugal, disse, a respeito da sua passagem pelo Irão: «Quando lá chegar, já a guerra terá terminado! Não sou peregrino da paz?!»

Deus guie os teus passos, peregrino, e leva contigo também a bênção de Maria, a Rainha da Paz!

Participação dos Peregrinos

No âmbito do programa «Um Dia em Peregrinação», realizaram-se visitas guiadas ao Santuário e aos Valinhos.

As primeiras visitas fizeram-se, experimentalmente, no ano de 1975: ao Santuário, nos meses de Agosto e Setembro, e aos Valinhos, só no mês de Agosto.

Tendo sido considerada positiva a experiência desse ano, as visitas começaram a realizar-se regularmente em 1976, de 15 de Julho a 30 de Setembro.

De 1976 a 1978, as visitas aos Valinhos realizavam-se apenas às terças, quartas, quintas e sábados. A partir de 1979, passaram a realizar-se também às sextas-feiras.

A partir do ano de 1980, o programa termina a 15 de Setembro.

Nos anos de 1984 e 1985, aos sábados, as visitas aos Valinhos foram substituídas pela via-sacra, a pé, devido à dificuldade em estacionar o autocarro nos Valinhos.

No ano de 1986, suprimiu-se a ida aos Valinhos, aos sábados, tendo sido esta falta compensada com a presença de mais colaboradores de verão nesse local.

Refira-se ainda que as visitas ao Santuário foram feitas da parte da manhã, e aos Valinhos, da parte da tarde, em autocarro.

Quanto à participação, alguns dados mais expressivos:

VISITAS AO SANTUÁRIO

Não considerando o ano de 1975,

que não poderá ser comparado com os outros anos, por ter sido o ano experimental, o número de visitas ao Santuário varia entre as 45 em 1985, e as 62 visitas em 1976. A média do número de visitas que se fez por cada ano é de 52 visitas.

Quanto aos participantes, o número varia entre 1.220 em 1978 e 3.253, precisamente neste ano de 1986. A média de participantes por ano é de 2.327.

Quanto às médias por visita variam entre 22,6 (23) em 1978 e 67,7 (68) em 1986. A média das médias dá 45,5 participantes por cada visita ao longo de todos estes anos.

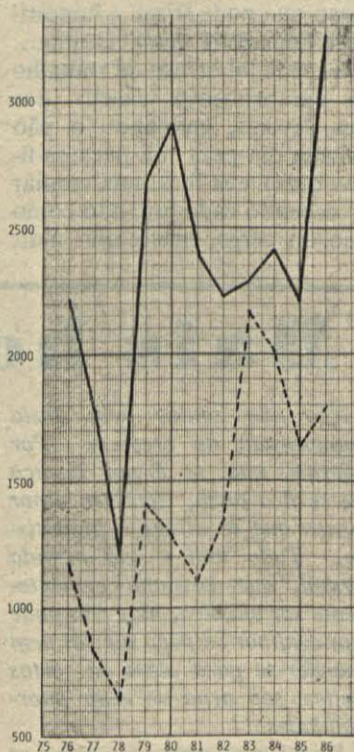
AOS VALINHOS

O número de visitas varia entre 30 em 1977 e 50 em 1979. A média dá 41,6 (47) visitas por ano.

O número de participantes varia entre 633 em 1978 e 2.213 em 1983. A média dá 1.402 participantes por cada ano.

A média por cada visita variou entre 19,2 (19) em 1978 e 53,9 (54) em 1983. A média das médias é de 33,4 (33) participantes em cada uma das visitas aos Valinhos que se fizeram ao longo de todos estes anos.

Olhando para o gráfico, conclui-se que, embora tenha havido algumas quebras, o número dos participantes nas visitas guiadas, tanto ao Santuário como aos Valinhos, tem vindo a aumentar.



A linha contínua corresponde aos totais de participantes nas visitas guiadas ao Santuário, a tracejada aos participantes nas visitas aos Valinhos.

Aprender com Maria

a ser homens e mulheres da Esperança

O tempo chuvoso do dia 13 de Dezembro não impediu que acesse ao Santuário de Fátima um bom número de peregrinos para a última peregrinação mensal do Ano Internacional da Paz. As celebrações decorreram com o programa habitual: na véspera à noite, vigília na basílica com recitação do terço; no dia 13, terço na Capelinha das Aparições, cortejo para a basílica culminando com a Eucaristia presidida pelo Senhor Bispo de Leiria-Fátima.

O orientador das reflexões na recitação do terço e na homilia

do dia 13 foi o Rev. Padre Pedro Fernandes, do Convento dos Padres Dominicanos de Fátima. Ao terço do dia 13, reflectiu sobre o tema da paz, um anseio que nos preocupou mais seriamente durante este ano que passou, mas que deve continuar sempre a chamar a atenção de todos nós.

A homilia da Eucaristia final, falou sobre o tema da esperança cristã. Razão de ser do tema: vive-se num clima de descontentamento, desconfiança e desespero, medo do futuro, insegurança, falta do sentido da vida,

famílias desfeitas, vidas duplas; por outro lado, estamos em tempo de Advento: Cristo é o objecto da nossa esperança e Maria é o modelo dessa esperança.

A esperança cristã, nos dias de hoje, é, pois, viver na expectativa em atitude vigilante: estar atento, momento a momento; e anunciar a toda a gente a razão de ser dessa esperança.

O cristão que espera vive desprendido: é peregrino; sente-se comprometido com o mundo onde vive, em virtude da sua esperança; mas orienta finalmente a sua esperança para o futuro.

Tema para 1987

(Continuação da 1.ª página)

entregar os olhos, a inteligência, a afectividade, a vontade — tal como o fazem, de modo eminente e último, os bem-aventurados que eternamente CONTEMPLAM, no Céu, o rosto de Deus. Atribuindo-se primariamente aos impulsos que no homem buscam conhecer a Deus, este termo CONTEMPLAR, arrasta consigo, no dizer dos teólogos, todas as restantes operações do homem que, na sua sede profunda, não quer só conhecer mas também amar. Ora o Francisco, no retrato traçado por sua prima Lúcia, foi uma criança de vocação contemplativa: «o Francisco, como era seu costume, retirou-se lá para a concavidade dum penedo.» (IV Memória).

Da Jacinta nos diz Lúcia que era muito diferente de seu irmão. Afectiva, até à extrema susceptibilidade de amuar com frequência no meio dos jogos infantis, tinha esta criança, de olhar perscrutador e tímido, uma tendência igualmente forte para a expressão exterior dos seus sentimentos em múltiplas acções que iam do gosto natural da dança ao gosto irresistível da brincadeira e, mais tarde, à descoberta de pobres e pecadores com quem pudesse partilhar os seus sacrifícios de renúncia e reparação. Porque a consumia o amor e o dó para com os pobres pecadores cuja triste sorte «aquela Senhora» tanto tinha lamentado, e pelos quais, tanto Ela como o Anjo, muito haviam pedido às crianças oferecessem de tudo orações e sacrifícios.

Hemos de confessar que não parece muita directa a relação entre o sacrifício corporal de quem como bolotas ou se pica com urtigas e o regresso ao bom caminho de qualquer vizinha desbocada ou de outros pecadores anónimos cujos pecados uma criança de sete anos nem é capaz de imaginar. Mas há um «caminho» para entender: O AMOR aos pecadores e O AMOR a Deus. De Deus, precisamente, escreveu S. João que o Seu amor pelo mundo O levou a entregar à morte o Seu Filho Unigénito (Jo. 3, 16); e de Cristo, escreveu o discípulo Paulo esta ardente confissão: «a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim.» (Gálatas 2, 20). O único caminho para fugirmos à heresia do nihilismo (afirmação de que tudo acaba no nada), ou à ilusão do masoquismo (tendência de algumas pessoas para se comprazerem no sofrimento sem qualquer outro fim em vista) é determo-nos longamente sobre a constante afirmação das sagradas escrituras, segundo as quais a verdadeira força original que cria e que salva, não é o sofrimento mas é o amor. O sofrimento tornou-se necessário quando fracassou o amor, mas só aguenta o sofrimento, e só é capaz de chegar ao ponto de se infligir o sofrimento, quem tiver ainda em si alguma energia de amar. Não foi a morte que levou Cristo à ressurreição, foi o amor que a morte Lhe não conseguiu matar, e que por sua vez não teve medo de «morrer» quando aceitou a morte para a sua vida terrestre. Só à luz e na força indestrutível, divina, do amor, é que a morte pode chegar a ser querida. A Jacinta assim percebeu e assim viveu: devorada pelo amor aos pecadores cuja triste sorte Lhe fora vivamente revelada, entregou-se a tudo o que Deus Lhe enviou e Lhe inspirou, na ânsia de salvar — pelo amor e para o amor — os «pobres pecadores».

Enfim, um tema que constitui uma mina inesgotável. Por agora somos levados a terminar com um veto profundo: oxalá o Santo Padre cá venha, algum dia, beatificar os Pastorinhos!

P. LUCIANO GUERRA

Fátima dos pequeninos

N.º 80
JANEIRO 1987



Querido amiguinho:

Na segunda aparição aos Pastorinhos, a Virgem Santíssima diz-lhes: — «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração». Lúcia fica encarregada desta missão. Quando a Mãe do Céu lhe disse que ficaria na terra sozinha, porque em breve viria buscar a Jacinta e o Francisco, Lúcia fica cheia de tristeza. Mas Maria consola-a dizendo-lhe: — «E tu sofres com isso? Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá a Deus.» Por isso, hoje, proponho-te que digas muitas vezes:

CORAÇÃO IMACULADO DE MARIA, ROGAI POR NÓS!

Amiguinho, pensa nisto: quando dizemos «aquela pessoa é toda coração!» ou «que grande coração tem aquela pessoa!» ou «fazer as coisas de todo o coração...» estamos a falar de um coração de carne? Não! Já vimos isso, noutra carta. Nesses casos o «coração» é tomado como sinal do muito amor que essa pessoa tem. Falando do Coração Imaculado de Maria, no sentido em que ela disse à Lúcia, é sentirmo-nos envolvidos no amor cheio de ternura da Nossa Mãe do Céu.

No dia 10 de Dezembro de 1925, quando Lúcia se encontrava em Pontevedra, Nossa Senhora apareceu-lhe e disse-lhe:

«Tu, ao menos, vê se me consolas, e diz que todos aqueles que durante 5 meses, no primeiro sábado, se confessarem (dentro dos oito dias), receberem a Sagrada Comunhão, rezarem o terço, e me fizerem quinze minutos de companhia, meditando nos quinze mistérios do Rosário, com o fim de me desagrarar...»

Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.»

Repara, se tu começares no 1.º sábado de Fevereiro, acabas em Junho, quando terminares as aulas. Se já fizeste a primeira Comunhão, prepara-te, pois vamos começar juntos. Eu irei pensar em cada um dos meus amiguinhos e rezar por todos; e vocês e eu, todos juntos, em volta do Coração de Maria, seremos para ela uma grande alegria e alcançaremos perdão e ajuda para os nossos irmãos que não amam a Deus.

Concordas com isto? Coragem! Ninguém falte ao compromisso.

Um abraço amigo da

IRMÃ GINA

Rosa de Deus, rogai por nós
Mãe da Eucaristia, rogai por nós
Auxílio dos Cristãos, rogai por nós
Rainha dos Anjos, rogai por nós
Rainha dos Santos, rogai por nós
Virgem Poderosa, rogai por nós
Mensageira da Paz, rogai por nós.



Ó SENHORA DA AZINHEIRA...

AINDA A CAPELA DE AÇORES
(S. PEDRO DO SUL)

No passado número de Setembro da Voz da Fátima demos a notícia dos 25 anos da capelinha de Açores, da freguesia de Sul, diocese de Viseu, mas com uma gravura que lhe não dizia respeito. De facto, a gravura pertencia a uma capelinha edificada há 60 anos, em Coruche, concelho de Aguiar da Beira, da mesma diocese de Viseu, que mais abaixo vamos historiar.

Como complemento da notícia que demos sobre a capela de Açores, acrescentamos que ela foi inaugurada no dia 8 de Outubro de 1961, o domingo mais próximo do dia aniversário da última aparição de Nossa Senhora em Fátima. Damos uma fotografia com o seu altar.

A CAPELA DE CORUCHE
(AGUIAR DA BEIRA)

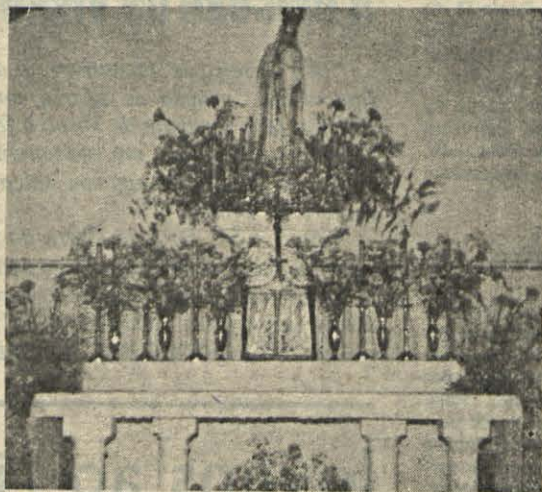
A história desta capelinha, que tem assinalada, em inscrição popular, na sua porta, a data da fundação, 1928, é contada pelo Sr. João Sequeira, simpático ancião de Coruche, em declarações ao *Jornal da Beira* que nos apraz aqui registar, na sua singeleza:

« Maria Joana, natural desta freguesia de Coruche, esteve muitos anos sem ser convidada para fins matrimoniais. Mas, em 1920, teve uma oferta para ir servir para Lisboa, para casa de um senhor reformado. Ela foi. Passado algum tempo, o senhor convidou-a para casamento, ou seja o matrimónio, dizendo que lhe deixava a reforma. Ela aceitou. Mas, como não acreditava que viesse a receber a reforma do marido, prometeu comprar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a sua freguesia de Coruche.

Em 1924, faleceu o marido; em 1925, começou a receber a reforma dele, como ele tinha disposto em testamento.

Nesse mesmo ano, ela veio de Lisboa à sua terra falar com o Pároco e com os homens mais competentes e expor-lhes o seu propósito. Todos estiveram de acordo.

O Senhor Padre e três homens mais competentes e a senhora



Maria Joana foram a Lisboa comprar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, em terracota (essa imagem ainda hoje está na capelinha). Trouxeram-na, foi posta na sacristia da igreja paroquial e o povo começou a

«criar fé» na Senhora de Fátima. Em Janeiro de 1926 criaram uma Comissão de vinte homens em volta do senhor Padre, com o fim de se construir uma capela para servir de ermida da Nossa Senhora da Fátima. Co-

Altar da
Capela de
Nossa Senhora
de Fátima
no lugar de
Açores,
paróquia de Sul,
concelho de
S. Pedro do Sul.

lectou-se cada homem em mil escudos e em Junho desse mesmo ano de 1926 começaram as obras da capela, que foi acabada em Janeiro de 1928.

Em 13 de Maio desse ano, realizou-se ali a primeira festa. Primeiro, foi benzida a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Depois, houve Missa, cantada por uma banda de música; depois, procissão com a imagem, em volta da freguesia e até à sua capelinha, onde todos os habitantes passaram a venerá-la.

A partir daí, gerou-se uma grande devoção nesta freguesia e em todo o concelho em honra de Nossa Senhora de Fátima.

* * *

Esta freguesia de Coruche vivia pobremente, mas tinha fé em Nossa Senhora de Fátima que Ela viria a melhorar as condições de vida, pois esta gente vivia como ciganos, buscando o pão de cada dia por esse Portu-

gal fora. Mas, quando regressava, ia agradecer a Nossa Senhora de Fátima tudo quanto Ela tinha feito em seu favor.

Como esta gente vivia na miséria, em 1955 começaram a emigrar para a França, onde hoje estão mais de mil dos nossos habitantes, que nesta hora consideram Nossa Senhora de Fátima como sua Mãe, que os livrou da fome e da miséria.

E agora, nesta freguesia de Coruche, faz-se todos os anos a festa em honra de Nossa Senhora de Fátima; e os emigrantes cobrem todas as despesas da festa.



Inscrição com a data da fundação da Capela de Coruche

CONHECER FÁTIMA

EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA

A população permanente do aglomerado corresponde a uma percentagem insignificante, em confronto com a multidão que aflui ao local nos dias 13 dos meses de Maio a Outubro, e que constitui a população flutuante, característica dos centros religiosos.

O aglomerado de Fátima apresenta um crescimento acelerado podendo demarcar-se na sua linha de evolução quatro períodos que apresentam ritmos próprios de crescimento (Quadro 1). Até 1940 o crescimento fez-se gradualmente à custa do crescimento natural dos lugares e sobretudo do crescimento da Cova da Iria, que foi motivado pelos trabalhos de construção da Basílica que levaram à fixação de construtores e respectivas famílias.

De 1940 a 1960 o ritmo de crescimento acentua-se, devido sobretudo à influência que a aprovação dos Planos de Urbanização (1948 e 1957) tiveram no ordenamento da Cova da Iria, que era o lugar que já então apresentava a

maior dinâmica de crescimento. Neste período registaram-se também grandes festividades religiosas, de projecção internacional, que decorreram no Santuário, atraíram população flutuante em larga escala e influenciaram a fixação de população neste lugar. De 1960 a 1970 a tendência de crescimento foi mais moderada, voltando-se a acentuar fortemente, de 1970 até à actualidade.

Verifica-se uma correspondência interessante entre as grandes festividades religiosas e os surtos de crescimento. Durante aquelas reúnem-se várias dezenas de milhares de pessoas que estimulam as actividades económicas do aglomerado. Esta exaltação económica constitui um pólo de atracção para as populações em torno da Cova da Iria, levando algumas pessoas a trocarem as suas casas e as suas terras pela vaga perspectiva de enriquecimento relativo no aglomerado. O encerramento do Ano Santo em 1951, a entrega da Rosa de Ouro em 1965, o Ano do Cinquentenário em 1967 com a visita

do Papa Paulo VI, e a visita do Papa João Paulo II em 1982 foram datas muito importantes, que se repercutiram no crescimento de Fátima.

Uma das características mais importantes da população permanente de Fátima é a existência de numerosas convivências, que correspondem às comunidades religiosas, lares, internatos, colégios, seminários, hotéis, pensões e similares. Na medida em que a fixação de três ou quatro convivências representa largas dezenas de indivíduos, forçosamente isso reflecte-se em saltos no crescimento total da população, consoante a fixação dessas instituições no local. A dinâmica de crescimento populacional que se verifica em Fátima é característica do crescimento de uma povoação em fase de grande juventude.

(Texto extraído do trabalho de preparação para a exposição urbanística de Fátima da autoria da Dr.ª Maria de Fátima Serafim Rodrigues de Magalhães).

Pergunta o Rev.º Director do *Jornal da Beira*, a quem agradecemos a chamada de atenção para o seu artigo e a colecção, de fotografias oferecidas ao Santuário, se estamos perante a capelinha mais antiga de Portugal, dedicada a Nossa Senhora de Fátima depois da capelinha das Aparições. Deixaremos a resposta para um dos próximos números, pois temos notícia de uma ermida iniciada em Outubro de 1925 e requerida a visita canónica em Março de 1928 na freguesia de S. Pedro, na ilha de Santa Maria (Açores), e a bênção da imagem em 1 de Maio do mesmo ano.

São por isso quase gémeas na sua conclusão.

Para já, até prova em contrário, é o lugar de culto mais antigo do Continente, a seguir à capelinha de Fátima, o que muito honra os habitantes daquela freguesia e da própria diocese de Viseu.

MOVIMENTO DOS CRUZADOS DE FATIMA

Proposta de Deus para o nosso tempo: A Oração do Terço regressou às Famílias «O Imaculado Coração de Maria»

Devoção profundamente comprometedora

Muito se tem insistido ultimamente na necessidade e urgência de nos confiarmos ao Coração Imaculado de Maria através da prática dos cinco primeiros sábados.

Nunca é demais falar de Maria, Mãe de Jesus Cristo, Mãe da Igreja e dos homens. No entanto parece-nos ser necessário e importante não só recomendar a devoção aludida mas também fazer doutrina para se evitar certas práticas ritualistas, desligadas de vidas autenticamente cristãs.

A devoção ao Imaculado Coração de Maria, como ao Coração de Seu Filho Jesus Cristo são sérias e muito importantes para apenas se reduzirem a expressões externas. Disso nos alertou Jesus quando em 1926 disse à Irmã Lúcia — Vidente de Fátima — que muitos começavam os primeiros sábados e não os acabavam: outros os faziam só com a intenção de obterem a graça prometida por Nossa Senhora — a duma particular assistência à hora da morte.

Eis o motivo por que acima se disse não ser suficiente recomendar esta devoção sem dar razões concretas do seu objectivo, sobretudo a pessoas ou grupos que não estão devidamente elucidados.

Devoção ao Imaculado Coração de Maria meio para conduzir a Cristo Salvador

Esta devoção ao Imaculado Coração de Maria, teológica e radicada nas grandes linhas bíblicas, reclama uma doutrinação e pastoral bem feitas de forma a conduzirem as pessoas a uma resposta coerente com a Fé. Compete aos responsáveis da pastoral informar e formar o Povo de Deus de forma que estas devoções respondam ao seu objectivo que é conduzir as pessoas a Jesus Cristo Salvador e Redentor. Não basta criticar e muito menos acabar com expressões de religiosidade popular que ainda fumegam e dão esperança de se reacenderem.

Em 13-7-1917 Nossa Senhora disse que o Seu Imaculado Coração era caminho e refúgio — caminho para Jesus Cristo e refúgio para nos proteger de ventos contrários à fé, trazidos por ideologias materialistas e ateístas.

Um caminho para a Salvação e a Paz

Nossa Senhora chega mesmo a dizer que DA DEVOÇÃO AO SEU IMACULADO CORAÇÃO DEPENDE A SALVAÇÃO DE MUITAS ALMAS E A PAZ PARA O MUNDO.

Em 10-12-1925 pede reparação de cinco pecados que muito ofendem a Deus e ao Seu Coração de Mãe!

Lendo a Mensagem de Fátima verificamos que há nela palavras que estão

interligadas: pecado, conversão, reparação, graça, paz.

A guerra das armas é fruto da guerra dos corações dos homens contra Deus e seus irmãos. Como solução deste mal Nossa Senhora pede conversão e reparação. A paz surgirá como fruto amadurecido desta caminhada do homem. Enquanto existir guerra nos corações, não podemos obter a salvação e a paz. Eis a razão das palavras de Nossa Senhora em 13-6-1917: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao Meu Imaculado Coração». E em 13 de Julho: «Da resposta aos meus pedidos (acerca desta devoção) depende a salvação de muitas almas e a paz para o mundo».

Como podemos reparar os pecados dos outros se não reparamos os nossos? É certo que nunca poderemos atingir neste mundo a perfeição e a imensidade do pecado. Temos de começar em nós a primeira etapa da reparação pelo despojamento e a renúncia ao pecado individual e social.

Assim como o anúncio da Mensagem Evangélica supõe uma vivência daquilo que se anuncia, assim quem quer reparar deve viver e expressar o verdadeiro sentido da reparação.

O meio para congregar os homens no Amor e na Verdade

João Paulo II, na sua homilia de 13-5-82 em Fátima, fez doutrina e deu orientações práticas para a devoção ao Imaculado Coração de Maria. Comentando a passagem bíblica do Apocalipse (21, 1 ss.): «Vi depois a cidade santa, a Nova Jerusalém, que descia do Céu, da presença de Deus, pronta como noiva adornada para o seu Esposo. E do trono ouvi uma voz potente que dizia: eis a morada de Deus entre os homens. Deus há-de morar entre eles: eles mesmos serão o Seu Povo e Ele próprio Deus com eles será o seu Deus». E João Paulo II acrescenta: «a morada de Deus entre os homens já está presente sobre a terra. E nela está o Coração da Esposa e da Mãe, Maria Santíssima adornada com a joia da Imaculada Conceição. O Coração da Mãe cõncio de todos os sofrimentos dos homens e das sociedades sobre a face da terra». Estas palavras revelam-nos que Deus quer congregar os homens na verdade e no amor através do Coração d'Aquela que ao passar pelo mundo acolheu e viveu sempre a verdade e o amor de Deus, que a fez feliz na terra e bem-aventurada no Céu.

O baluarte da Paz

Maria, em Fátima, ao falar várias vezes da paz, faz depender esta duma resposta vivencial ao Seu Coração Imaculado.

Se Deus quer a devoção ao Imaculado Coração de Maria é porque sabe que este Coração tem uma pedagogia e capacidade de colocar a nossa vida ao jeito de Deus. Só será capaz de en-

tender isto quem acreditar que só Deus é Paz e fonte de Paz. A devoção ao Imaculado Coração de Maria é um caminho que nos conduz a esta Paz de Deus e um baluarte de defesa dos riscos que podem comprometer a Paz, isto é, tudo quanto conduz o homem ao pecado. Daqui a razão das palavras de Nossa Senhora: «O Meu Coração é um caminho e refúgio». Portanto não estamos com uma devoção a mais, nem com fórmulas meramente ritualistas para alcançar o passaporte para o Céu; mas sim com um meio que muito pode ajudar a viver na amizade de Deus, na Sua graça.

Várias vezes temos insistido na necessidade de se satisfazer as quatro condições que Nosso Senhor propõe para a vivência dos cinco primeiros sábados acima referidos. Elas contêm em si dinamismo suficiente para transformar vidas e ajudar a viver em Deus, em Jesus Cristo — Verdade e Vida.

Um meio ao alcance de todos para transformar a vida de cada um

Esta devoção é simples como simples é o Coração de Nossa Senhora. E porque é simples, é acessível a todos, a começar pelas crianças. Porém não deixa de ser exigente, pois quem a faz a sério, deve dispor-se à renúncia, à disponibilidade e à oferta do seu coração. Quem a faz bem obtém a paz do coração e torna-se instrumento de paz. Disse Nossa Senhora: «DA RESPOSTA A ESTA DEVOÇÃO DEPENDE A GUERRA OU A PAZ».

Estamos no mês de Janeiro, tempo em que somos convidados a fazer PAZ e UNIDADE. De acordo com o que disse Nossa Senhora e também com o que disse em Fátima João Paulo II, O IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA É GARANTIA DESTA PAZ E UNIDADE!

Não podemos desligar o Coração da Mãe do Filho. Se sempre estiverem unidos, não separemos o que Deus uniu. Por isso esta devoção é profundamente cristológica.

O compromisso

Como gratidão e louvor ao Senhor e a Maria, vamos realizar a vivência dos cinco primeiros sábados neste ano de 1987 — 70.º Aniversário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. Para uma maior unidade, na medida do possível, façamos esta vivência de Janeiro a Maio. Nos primeiros sábados acompanhemos, através da Rádio Renascença, a transmissão directa de Fátima do terço meditado — de Nov.º a Abril, às 21.00 horas; de Maio a Outubro, às 21.30 horas.

Disponhamo-nos a oferecer este «presente» a Nossa Senhora, que Lhe entregaremos no dia 13 de Setembro, no Seu Santuário, em Fátima.

P.º MANUEL SOUSA ANTUNES

Apóstolos da Senhora

De acordo com o deliberado no Conselho Nacional de 26-27 de Setembro passado, realizou-se em Lamego, na Casa de S. José, de 28 de Novembro a 1 de Dezembro, o primeiro curso diocesano de formação destinado às dioceses de Bragança, Lamego, Vila Real e Viseu.

Foram cerca de 70 os participantes — responsáveis diocesanos e paroquiais (actuais e futuros) — oriundos das dioceses referidas, à excepção da de Bragança que não marcou presença por razões justificáveis. Foi consolador verificar-se entre os participantes um número elevado de jovens das 3 dioceses.

Como já é habitual em cursos diocesanos, no último dia esteve

presente o Sr. Arcebispo-Bispo de Lamego que dirigiu aos presentes a sua palavra sempre oportuna de pastor, incidindo sobre o tema «A Oração de Louvor nas Nossas Vidas».

Pelas impressões que os presentes deixaram escritas verificamos que, no geral, o curso agradou, salientando-se sobretudo as conferências do Dr. Horácio Cristino.

Todos partiram com o desejo de serem apóstolos ardorosos da Senhora da Mensagem e cumprirem cada vez melhor a missão que lhes cabe dentro do Movimento nas suas dioceses e paróquias.

Secretária Nacional
IR. MARIA NOÉMIA

Vamos continuar

Presença do Secretariado Nacional nas dioceses em cursos e encontros para responsáveis do Movimento.

JANEIRO

3 e 4 — Viseu.

16, 17 e 18 — Interdiocesano para: Aveiro, Braga, Coimbra, Leiria, Porto e Viana do Castelo.

23, 24 e 25 — Idem, para: Algarve, Beja, Évora, Lisboa, Portalegre e Castelo Branco.

FEVEREIRO

7 — Coimbra.

14 e 15 — Leiria.

26 — Lamego (zona de Vila Nova de Foz-Coa).

27, 28 e 29 — Lamego (cidade).

29/2 a 3/3 — Braga.

Sempre gostei de associações ou movimentos empenhados na devoção a Maria Santíssima. Habitado a ouvir falar de Cruzados de Fátima em tempos idos, confesso que não sentia interesse algum por essa associação por julgar que as pessoas nela se inscreviam apenas com o objectivo de ter parte numas Missas e nada mais.

Certo dia começo a receber cartas do secretariado diocesano do Movimento dos Cruzados de Fátima. As primeiras foram para o cesto dos papéis. Um dia veio ter comigo um paroquiano que me perguntou: O Sr. Abade não recebeu uma carta do secretariado diocesano? Fiquei um pouco embaraçado com a pergunta pois na verdade tinha-a recebido mas não a tinha lido. Fui ao escritório e lá encontrei a dita carta, também já a caminho do cesto dos papéis. Li-a, e com o meu paroquiano reflecti no que nela se pedia e que era o seguinte: estava o secretariado interessado que o Movimento dos Cruzados fosse lançado na minha paróquia; que escolhesse 3 ou 4 pessoas com capacidade para arrancar com a nova estrutura do Movimento.

Já um pouco mais sereno, conversámos sobre o assunto

animando-me, o paroquiano, no meu pouco entusiasmo. Escolhemos mais 3 pessoas e 2 jovens. Foram fazer um curso de formação e a partir daí não mais me largaram. Estou satisfeito com o seu trabalho e estou certo que vale a pena continuar.

Realizámos já um projecto para a paróquia e noto com satisfação que as pessoas colaboraram com gosto e empenhamento. A oração do Terço regressou às famílias; os primeiros sábados são concorridos, assim como as celebrações dos dias 12 e 13; as Missas dominicais são mais vividas.

As reuniões mensais que fazemos são participadas com muito interesse.

Os doentes que já fizeram o seu retiro espiritual no Santuário de Fátima são apóstolos doutros doentes ajudando-os a aceitar o sofrimento.

A iniciativa da visita da imagem peregrina de N.ª Senhora às famílias segundo as normas do Movimento tem tido bom resultado sendo já 1.850 as famílias que recebem esta visita e a «mensagem» que a acompanha.

Por tudo, louvemos o Senhor e a nossa Mãe!

A Diocese de Viseu consagra-se a Maria

No desejo de incentivar a devoção, veneração e desagravo ao Imaculado Coração de Maria conforme o espírito da Mensagem de Fátima, teve a cidade de Viseu a feliz iniciativa de erguer, em local que lhe fica sobranceiro, um monumento a este Imaculado Coração que o Bispo da diocese inaugurou solenemente no primeiro sábado de Dezembro de 1986.

Quis o Sr. D. José Pedro da Silva associar-se aos numerosos diocesanos nesta «homenagem» à Mãe de Deus e nossa Mãe, e depois de ter proferido uma alocução adequada e benzida a veneranda imagem, diante desta fez a CONSAGRAÇÃO da cidade e diocese de Viseu ao IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA.

Jovens ao ritmo da vida

Corre a vida no entusiasmo que impele os jovens da diocese de Viseu e os firma no compromisso com Maria. Tendo em Julho participado num encontro, estes jovens encontraram-se recentemente (em princípios de Novembro) com a Irmã Maria Teresa a fim de, como ela diz, acertar agulhas.

Que em Janeiro possa acontecer novo encontro-esquema zero é o que esperamos! Corra a vida!

A vida corre, corre desperta, diria eu, lá para as bandas de Coimbra onde há um grupo de jovens que não pára de crescer e é ávido da Palavra e receptivo à notícia que o Movimento é. Estivemos com estes jovens em três noites de diálogo e reflexão, através do Henrique, Ir. Maria Teresa, Beatriz e Lena.

Diz a Ir. Maria Teresa que o encontro-esquema zero já se avista — é a voz da vontade daqueles que foram lá, de todos nós e dos de lá e é o impulso à caminhada que juntos podemos fazer!

Em Lamego estiveram o António e a Xana com a Ir. Maria Teresa por ocasião de um curso que fala por si e diz se lá corre a vida!

Fátima... alegria, amizade com Jesus e entre todos, num estreitar de laços... somos aqui parte da Equipa Nacional e mais nove que a apoiam ou se estão a preparar para isso, em dias da festa da Imaculada Conceição.

Logo nos detivemos nos projectos, pensando nos encontros a realizar proximamente nos primeiros dias de Janeiro, em Angra do Heroísmo e em Braga.

QUERES UNIR-TE A NÓS NA VIVÊNCIA DOS 5 PRIMEIROS SÁBADOS — de Janeiro a Maio/1987 — PARA A OFERECERMOS A N.ª SENHORA NO DIA 13 DE SETEMBRO?

Se a tua resposta for SIM, preenche este talão e envia-o ao Secretariado Diocesano, ou ao Nacional.

VIVÊNCIA DOS CINCO PRIMEIROS SÁBADOS
a oferecer a N.ª Senhora dia 13/9/1987

NOME
PARÓQUIA DIOCESE